

SOLIDÃO NA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA

Doris Macaringue, Instituto Superior de Tecnologias e Gestão

Quitéria Cossa, Universidade Eduardo Mondlane - CeCAGE

Célia Buque, Universidade Eduardo Mondlane - CeCAGE

Gracinda Mataveia, Universidade Eduardo Mondlane - CeCAGE

Alcides Siteo, Universidade Eduardo Mondlane - Dep. de Química

RESUMO

O presente estudo visa diagnosticar e perceber a magnitude do fenómeno da solidão na comunidade universitária e dentro da população estudantil.

O estudo inicia com uma pesquisa bibliográfica, que contextualiza o fenómeno da solidão, discute as razões associadas ao seu surgimento, as implicações que a mesma tem na saúde do indivíduo, no seu desenvolvimento e bem-estar psico-social. Discute os instrumentos usados para a sua aferição (a versão portuguesa da Escala de Solidão da UCLA e a Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante), tipo de respostas e seu processamento, sua objectividade/subjectividade assim como as limitações do estudo, particularmente as possíveis implicações do uso de um instrumento desenvolvido para um contexto sociocultural e antropológico diferente.

Finalmente, o estudo apresenta no capítulo 5 os resultados produzidos, desagregados por sexo e nível académico, como forma de verificar a influência destas variáveis nos resultados do estudo.

Uma leitura dos resultados apresentados no capítulo 5 mostra, de uma maneira geral, uma situação não necessariamente dramática mas que aponta para a necessidade de se prestar alguma atenção ao problema.

Os resultados da desagregação por nível académico e sexo não mostram claramente, e de forma generalizada, a existência de diferenças significativas entre as duas variáveis, muito embora se registem diferenças significativas em 6 das 18 questões do questionário da UCLA, particularmente no que diz respeito as respostas dadas pelos inquiridos do sexo masculino.

PALAVRAS-CHAVE: solidão, identidade, universidade, intervenção.

ABSTRACT

This paper aims to diagnose and understand the magnitude of the loneliness phenomenon within the university community and students' population.

The study begins with literature review that contextualizes the phenomenon of loneliness, discusses the reasons associated with its emergence, its implications on individual's health, development and psycho-social well-being.

It discusses the tools used for its measurement (the Portuguese version of the UCLA Loneliness Scale and the Differential Loneliness Scale for Student Population) type of answers and its processing, objectivity/subjectivity as well as the limitations of the study, in particular with the possible implications of using a tool developed for different socio-cultural and anthropological context.

Finally, the study in chapter 5 presents the results produced by gender and education in order to verify the influence of these variables on the survey results.

Although, results presented in chapter 5 show, in general, that the situation is not necessarily dramatic, it points out the need to be more aware of the problem.

Although results by education and sex do not show clearly, and in a general way, the existence of significant differences between both variables, they do exist in 6 of the 18 questions of the UCLA questionnaire, particularly in what concerns the answers given by the male group.

KEYWORDS: loneliness, identity, university, intervention.

INTRODUÇÃO

O problema da solidão vem merecendo uma atenção especial dentro da comunidade académica, como reconhecimento do seu efeito negativo na saúde do indivíduo. Este problema afecta em especial os adolescentes e os jovens, particularmente na fase de crescimento onde se debatem com problemas de afirmação, de desenvolvimento de uma identidade própria e de pretensão de independência dos seus pais.

Quando não gerido correctamente, este sentimento pode conduzir facilmente para o desenvolvimento de percepções de incompetência e de rejeição, que acabam prejudicando o crescimento físico e psico-social do indivíduo. Adicionalmente, esta falta de confiança em si próprio pode afectar a capacidade de estabelecer relações no grupo e o desempenho profissional futuro destes jovens e adolescentes.

O desenho de programas de intervenção que permitam minorar ou mesmo eliminar os efeitos nefastos decorrentes do sentimento de rejeição e incompetência que os indivíduos solitários desenvolvem são importantes, pois, eles permitem reabilitar um indivíduo útil para a sociedade, antes de ele entrar para uma fase irreversível do problema, e reduzir os custos que teriam de ser investidos na área da saúde mental para sanar este problema.

A redução da ocorrência e dos aspectos nocivos da solidão é particularmente importante para países subdesenvolvidos como o nosso, que ainda se debatem com números baixos de médicos mesmo para as áreas gerais da Medicina, situação que se torna ainda mais grave para áreas de especialidade como a saúde mental. Quando numa fase mais avançada, e dadas as fragilidades da nossa sociedade quanto a capacidade de reinserção do indivíduo, dificilmente se alcança uma cura completa do indivíduo.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O problema da solidão vem merecendo uma atenção especial há algumas décadas nos Estados Unidos da América, tendo sido parcialmente negligenciado nos restantes países, pelo menos nessa fase inicial. Esta atenção especial devotada ao problema da solidão, resulta do reconhecimento de que a mesma traz repercussões negativas sérias na vida do indivíduo, deixando marcas que se poderão fazer sentir por toda a vida do indivíduo (Neto, 1992; Cardona et. al., 2010; Dahl et. al., 2007).

A solidão é um estado desagradável e com uma conotação negativa na vida do indivíduo, e refere-se ao estado de quem se sente só ou não acompanhado. Ela depende, de entre outros, das características pessoais de cada indivíduo (Fernandes e Neto, 2009). Para o seu diagnóstico e avaliação têm sido descritos, a nível de estudos e pesquisas, vários instrumentos, mas parece ser mais usado o instrumento desenvolvido por Russel, Peplau e Cutrona, denominado “Escala de Solidão da UCLA” (Russel et. al., 1978; Russel, 1996). Este instrumento foi sofrendo várias adaptações incluindo as versões usadas na presente pesquisa (Neto, 1989; Neto, 1992; Fernandes e Neto, 2009; Cardona et. al., 2010).

Apesar destes desenvolvimentos, tem sido parcialmente questionada a objectividade dos instrumentos desenvolvidos devido a falta de critérios externos de validação adequados e a complexidade do fenómeno. Por outro lado, o uso de grupos de controle para comparação não se mostra fácil, devido a complexidade e as inúmeras variáveis que afectam este comportamento, que algumas vezes ficam fora do controle dos investigadores (Russel et. al., 1978; Lasgaard, 2007).

A Escala de Solidão da UCLA não questiona directamente o indivíduo se ele se sente só, mas procura avaliar a solidão de uma forma indirecta (Neto e Barros, 2001). Tem a vantagem de evitar que o indivíduo apresente respostas falsas, face a delicadeza do assunto, ou pelo menos minimizar este efeito, mas pode colocar problemas na interpretação e tentativa de tirar conclusões, sendo de recomendar um certo cuidado na leitura dos resultados.

A solidão é definida de várias formas. Cardona et. al. (2010) apresentam definições usadas por vários autores onde predominam os seguintes conceitos: Descrição do sentimento de dúvida ou de desagrado; desajuste entre o desejado e o vivido; a falta de interação ou intercâmbio com os outros indivíduos da sociedade; a falta de relacionamentos sólidos que têm como consequência o desenvolvimento de sensações de tristeza, medo, ansiedade, stress, temor, nostalgia, baixa auto-estima, etc. Neto e Barros (2001) citam também definições de vários autores onde se destaca a de Peplau e Perlmann que definem a solidão como a experiência desagradável que derivada de importantes deficiências nas redes de relações sociais do indivíduo.

Estas situações de deficiências nas redes de relações sociais do indivíduo podem levar o indivíduo a isolar-se e a não encontrar rumo e sentido para a sua vida, podendo ainda desenvolver sentimentos de desamparo e de pessoa indefesa. A solidão torna o indivíduo debilitado, deprimido e desmoralizado e aparece associada a doenças como a depressão, o suicídio, a hostilidade, o alcoolismo, a perda de auto-estima, o sentimento de discriminação (Zettler et. al., 2005; Bittencourt et. al., 2008; Matta et. al., 2009; Lasgaard, 2007). Este sentimento de solidão é, por isso, tratado como um indicador que aponta para a não existência de felicidade e de um nível baixo da qualidade de vida (Neto, 1992; Neto e Barros, 2001)

A pesquisa bibliográfica levada a cabo, mostra a existência de vários estudos tentando perceber as razões por detrás do fenómeno da solidão, os vários factores associados a ela. Hughes et. al. (2004) e Muniz (2011) citam a desintegração das comunidades no mundo moderno e a perda do papel social das mesmas na relação entre os indivíduos, a desintegração das estruturas familiares, a fraca capacidade de comunicação e a dificuldade de inserção no grupo, a tendência de caracterizar o indivíduo como um ser perfeito e o consequente colapso do indivíduo “não perfeito” que se considera um derrotado, assim como o foco cada vez maior no trabalho, de entre outras, como possíveis causas do problema.

Alguns estudos apontam que o problema da solidão parece ganhar contornos mais alarmantes em grupos de indivíduos com baixa renda, com menor instrução, em pessoas com baixa auto-estima, nos grupos extremos em termos de idade nomeadamente os adolescentes e os idosos (Zammuner, 2008; Akin, 2010). Estes resultados têm sido parcialmente contestados por alguns estudos devido provavelmente a complexidade e subjectividade das variáveis usadas para caracterizar a amostra usada em estudos sobre a solidão. Como exemplo destes resultados aparentemente contraditórios, Akin (2010) cita resultados de estudos que mostram que as mulheres sofrem mais com o problema da solidão, quando outros estudos mostram não haver diferenças entre os dois sexos e até descreve resultados de estudos que mostram que os homens são mais afectados por este fenómeno.

No que diz respeito ao factor sexo, os resultados do estudo conduzido por Muniz (2011) mostram que mais mulheres declaram sentir solidão comparativamente aos homens. Estes resultados não são confirmados por Neto (1989 e 1992) e Neto e Barros (2001). Os resultados reportados por Neto (1989), Neto e Barros (2001), Cheng e Furnham (2002) e Dhal et. al. (2007) recomendam para uma leitura cuidadosa destes dados, pois, sendo a solidão tratada como uma fraqueza e face aos estereótipos sexuais prevalecentes nas nossas sociedades, não se espera que os homens expressem as suas fraquezas emocionais. Enquanto as mulheres optam por manter relações fortes com a família e amigos, buscando e partilhando sentimentos, os homens preferem agir como se o problema não existisse, silenciando as suas emoções e desenvolvendo actividades para se distrair e adoptando comportamentos para compensar estes estados de solidão com o maior recurso ao consumo de álcool, uso do tabaco e drogas (Costa e Leal, 2008; Zammuner, 2008).

Um outro factor associado a solidão é a questão da mudança e da capacidade de ajuste as novas situações. Apesar de as mudanças constituírem um factor recorrente na vida dos indivíduos elas podem estar associadas com experiências perturbadoras, que resultam em efeitos adversos sobre a saúde física e psicológica do indivíduo,

contribuindo para a ocorrência de níveis mais elevados de stress e ansiedade que se traduzem em desilusão, incertezas, desorientação, frustração e redução no desempenho (Freitas et. al., 2003; Costa e Leal, 2008).

Freitas et. al. (2003), Cerchiari et. al. (2005), Costa e Leal (2008) e Vieira e Coutinho (sem ano) estudaram o efeito da questão da mudança e da capacidade de ajuste as novas situações com base no comportamento de estudantes universitários. Na transição para a universidade os jovens estudantes são confrontados com experiências de estabelecimento de novas e mais íntimas relações, o afastamento da rede familiar e dos velhos amigos e a maior autonomia em relação a família, maior autonomia na gestão do tempo e das finanças, o confronto com realidades e exigências diferentes das que o estudante vinha experimentando.

A forma como o estudante gere estas crises e conflitos emocionais dita o sucesso do estudante. A não superação das crises decorrentes da inadaptação ao novo ambiente, pode causar no aluno situações de stress que podem ter como consequência problemas gerais de saúde e bem-estar psico-social, dificuldades de relacionamento, baixo rendimento académico, angústias, estados de depressão ou perturbações emocionais, indicativos de ou que podem conduzir a alguma forma de solidão (Swami et. al., 2007).

Para ultrapassar estas situações e ajustar-se correctamente a nova situação, o estudante precisa do apoio da sua família, professores, colegas e outros serviços relevantes. Para este fim, algumas universidades oferecem programas de integração e serviços de aconselhamento aos seus estudantes (Freitas et. al., 2003).

O uso excessivo da internet surge também como um dos factores que influenciam o fenómeno da solidão entre a população estudantil. Apesar de alguma discordância nos resultados apresentados por alguns estudos, parece haver concordância no facto de o uso excessivo desta ferramenta contribuir para o desenvolvimento de sentimentos de solidão (Deniz, 2010).

Quando usada como ferramenta de comunicação entre indivíduos que já fazem parte da mesma rede social, ela pode contribuir para aproximar os indivíduos. Por outro lado, ela tem sido muito usada para estabelecer novas relações, acto derivado talvez pela incapacidade ou impossibilidade de o fazer pessoalmente. Esta forma de uso da internet encobre, em alguns casos, a incapacidade de estabelecer relações mais directas, substituindo o físico pelo virtual, aparentemente mais seguro por ser mais anónimo (Anónimo, sem ano), não expondo o indivíduo até o momento em que se pode prever um sucesso na relação que se pretende estabelecer.

Apesar do reparo feito sobre o uso da internet, associado aos seus impactos negativos, a solução não é a de impedir os jovens de usarem a Internet, mas passa pela supervisão e orientação dos jovens no seu uso, tendo em conta o lado benéfico e educativo que a Internet tem (Anónimo, sem ano). A Internet parece conduzir para situações de isolamento social e consequentes momentos depressivos em indivíduos que já têm um historial de problemas de depressão e outros problemas emocionais.

Springer et. al. (2003) defendem ainda que a religião também contribui positivamente para a saúde mental do indivíduo e da sua capacidade de lutar contra situações adversas, reduzindo a solidão e o desespero, desenvolvendo sentimentos de pertença no grupo e de verdadeira solidariedade entre os indivíduos.

OBJECTIVOS

O presente estudo tem como principais objectivos:

- Identificar, na amostra estudada, tendências indicativas de estados de solidão ou tendências que podem conduzir a alguma forma de solidão;
- Verificar o efeito da variável sexo nas tendências diagnosticadas;
- Analisar como o nível académico dos inquiridos se correlaciona com a ocorrência das tendências diagnosticadas.

Os resultados apresentados poderão ser usados como base:

- a)** Para o desenho de programas de intervenção visando minorar os efeitos negativos decorrentes;
- b)** Melhorar os serviços de atendimento e aconselhamento da população estudantil nas instituições de ensino;
- c)** Assim como desenhar outras pesquisas para uma melhor percepção de outras variáveis que afetam negativamente o estado emocional do indivíduo.

METODOLOGIA

Tendo em conta a natureza das questões afloradas, o estudo pode ser descrito como sendo de natureza mista (qualitativo/quantitativo), tendo consistido basicamente **a)** na recolha e análise de documentos diversos e **b)** na administração de questionários e seu processamento.

A leitura dos trabalhos consultados permitiu construir o capítulo sobre a revisão bibliográfica (capítulo 2) e permitiu uma maior familiarização com o tema. Face à limitação no acesso a periódicos e outro material físico de consulta nas nossas bibliotecas, a revisão bibliográfica beneficiou fundamentalmente do acesso a materiais disponíveis na Internet. Importa, no entanto, referir que tentou-se privilegiar a consulta de artigos cientificamente credíveis, nomeadamente aqueles que foram publicados após terem sido sujeitos a uma revisão de pares.

Para a recolha dos dados que serviram de base para este estudo, foram usados dois questionários cedidos gentilmente pelo Professor Doutor Adalberto de Carvalho do ISFIC (ver anexos I e II). A administração destes inquéritos foi feita em dois grupos separados de respondentes, nomeadamente:

- a)** Alunos dos últimos anos de uma Escola Secundária Privada, que preencheram os inquéritos nas suas salas de aulas (“Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante”);
- b)** Estudantes de uma Escola Superior Privada, docentes e funcionários da mesma instituição (“Escala da UCLA”).

No caso do grupo **a)** foram inquiridos 142 respondentes, onde 47.1% são do sexo feminino e 52.95 do sexo masculino. No caso do grupo **b)** foram inquiridos 177 respondentes, onde 66.1% são do sexo feminino e 33.9 do sexo masculino. Neste último grupo 87.9% são solteiros; 46.1% concluíram a 12^a Classe e 44.8% têm o nível de Licenciados (maioritariamente docentes da instituição).

Os inquéritos do grupo **a)** foram ministrados na sala de aulas, enquanto que os do grupo **b)** foram passados na sala de aulas, entregues em mão a alguns inquiridos e recolhidos em local definido da instituição. Quando da submissão dos questionários foi explicado e garantido o anonimato aos inquiridos e apelou-se para a sinceridade no preenchimento das respostas que faziam parte do questionário.

A taxa de retorno aproxima-se dos 100% no caso do inquérito da “Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante” enquanto que no caso do questionário sobre a “Escala da UCLA” o número situou-se um pouco abaixo, podendo contudo ser considerada boa. A quantificação da taxa de retorno, na “Escala da UCLA”, tornou-se difícil de realizar pois parte dos inquéritos não preenchidos foi usada com outros inquiridos selecionados aleatoriamente, não havendo um registo fiel de todos os inquéritos devolvidos em branco.

As respostas às perguntas que constam dos questionários são dadas, maioritariamente, numa escala do tipo Likert, com excepção das questões que visam caracterizar a amostra e definir o perfil dos inquiridos em cada grupo. No caso do questionário “Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante” (grupo da alínea **a)**) as respostas são do tipo “Verdadeiro; Falso”, enquanto que no caso da “Escala da UCLA” (grupo da alínea **b)**) as resposta são do tipo “Muitas Vezes; Algumas Vezes; Raramente; Nunca”.

A cada opção de resposta é atribuído um valor numérico, **a)** entre 0 e 1 no caso da Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante e **b)** 1 e 4 no caso da Escala da UCLA. Os valores numéricos mais

elevados são usados para situações mais preocupantes. Este aspecto pode ser verificado pela análise de cada uma das perguntas que faz parte dos dois inquéritos ministrados à amostra.

O somatório da pontuação obtida em cada inquérito pode ser usado para comparar situações de dois indivíduos ou de dois grupos. A maior pontuação é associada aos casos que merecem uma maior atenção (casos não bons, casos não desejáveis) e a menor às situações desejáveis (Swami et. al., 2007).

O processamento dos dados obtidos através dos inquéritos foi feito com o recurso à meios informáticos, tendo sido usado o programa SPSS, versão 13. Os resultados são apresentados na forma de frequências e percentagens por opção de respostas e também na forma gráfica nos anexos III e IV.

Para analisar o efeito das variáveis sexo e nível académico nos resultados, foi feita a desagregação dos resultados globais por sexo e/ou por nível académico. Nos casos onde foi feita esta desagregação, foram comparados os somatórios das pontuações para se comparar o efeito do sexo e do nível académico, de acordo com o descrito atrás, onde as maiores pontuações são indicativas de situações mais preocupantes (Swami et. al., 2007).

Dada a diferença no número de respondentes dos dois sexos ou dos dois grupos resultantes da desagregação pelo nível académico, e para normar e tornar comparáveis estes somatórios, o cálculo dos mesmos foi feito com base nas percentagens que aparecem nos anexos III.1 e III.2, para a Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante, e dos anexos IV.1 a IV.4 para a Escala da UCLA, assumindo-se portanto um total de 100 respondentes para cada um dos grupos em comparação.

No tratamento dos dados desagregados foi feito ainda o estudo da correlação entre as respostas dadas em função das variáveis consideradas na desagregação, que permitiu verificar a ocorrência de tendências, e um teste estatístico visando apurar possíveis diferenças nas respostas dadas pelos inquiridos do sexo feminino e masculino e dos dois diferentes níveis académicos considerados, em comparação com os dados globais.

Este teste foi feito usando o programa Statgraphics (versão Statgraphics Plus 5.1), pacote de estatísticas que executa e explica funções estatísticas básicas e avançadas, que tem sido muito usado em estudos relacionados com saúde e nutrição.

Após o processamento dos dados, foi preparado um relatório onde foram apresentados e discutidos os principais problemas diagnosticados ao longo deste trabalho. Esse documento serviu de base para a realização de um seminário, onde foram apresentados e discutidos os resultados desta pesquisa. Os resultados da discussão que teve lugar no seminário contribuíram para o melhoramento da versão final do relatório, que inclui no final um capítulo com as principais conclusões e recomendações.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

- O uso de um questionário adaptado para a realidade da sociedade portuguesa, que pode não ter em conta alguns aspectos antropológicos e socioculturais da sociedade moçambicana que poderão, eventualmente, influenciar os resultados do estudo;
- O facto de o estudo se basear em dados obtidos a partir de relatos “espontâneos” dos inquiridos, sem a introdução de uma forma de verificação mais específica e mais objectiva. Dada a delicadeza de algumas questões colocadas no inquérito, a estigmatização do fenómeno da solidão que pode fazer com que alguns inquiridos distorçam as suas respostas para parecerem menos atingidos pela solidão (Neto, 1989; Zettler et. al., 2005), as respostas dadas pelos inquiridos poderão levar, em alguns casos, a um subdiagnóstico da verdadeira situação;
- O trabalho com alunos e estudantes de uma escola privada, oriundos de famílias que não são necessariamente um espelho do largo espectro das famílias moçambicanas, acto que poderá limitar a generalização dos resultados da pesquisa. Este fenómeno é descrito por Russel (1996) com a própria

escala UCLA, quando se tentou estudar a solidão de grupos populacionais com características diferentes dos grupos usados no desenvolvimento da escala UCLA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se em seguida os principais resultados da pesquisa levada a cabo. Estes são apresentados em separado para os dois grupos de inquiridos, incluindo a desagregação dos resultados por sexo e nível académico. Em alguns casos, a leitura dos resultados deve ser feita com algum cuidado, por se tratar de dados obtidos a partir de relatos “espontâneos” dos inquiridos, sem a introdução de uma forma de verificação mais específica e mais objectiva ((Neto, 1989; Zettler et. al., 2005). Dada a delicadeza de algumas questões colocadas, que introduz sentimentos desagradáveis e o receio de responder as questões colocadas de forma sincera, mesmo com a explicação das condições de anonimato em que o estudo foi conduzido, pode ter havido um subdiagnóstico de alguns problemas que se pretende estudar.

A apresentação dos resultados vai centrar-se mais naqueles aspectos indicativos da existência de um possível problema. Esta decisão será tomada em função de uma percentagem de respostas mais ou menos elevadas de respostas concordantes ou discordantes (tendência clara, conclusiva) ou um número mais ou menos equilibrado de respostas, que apontem para um aspecto que mereça alguma reflexão.

Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante

Apresenta-se na tabela 1 os resultados globais obtidos com o questionário sobre a Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante. Na leitura destes resultados recomenda-se uma atenção especial as respostas às questões 2, 6, 11, 18 e 19. Estas questões têm uma percentagem elevada de questões respondidas com “FALSO”, mas que não representam necessariamente uma negação da afirmação feita.

Tabela 1: Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante: Resultados globais (Resultados em %)

| | VERDADEIRO | FALSO |
|---|------------|-------|
| 1. Sinto-me próximo(a) dos membros da minha família | 89.1 | 10.9 |
| 2. Tenho um namorado (a) ou marido (mulher) com quem posso falar sobre os meus problemas e preocupações mais importantes | 46.3 | 53.7 |
| 3. Sinto que realmente não tenho muito em comum com a comunidade em que vivo | 49.6 | 50.4 |
| 4. Tenho pouco contacto com os membros da minha família | 26.4 | 73.6 |
| 5. Não me dou muito bem com a minha família | 8.0 | 92.0 |
| 6. Actualmente, estou envolvido (a) numa relação romântica ou marital, na qual ambos fazemos um esforço genuíno de cooperação | 32.6 | 67.4 |
| 7. Tenho um bom relacionamento com a maioria dos membros da minha família mais próxima | 90.7 | 9.3 |
| 8. Não sinto que possa recorrer aos amigos que me rodeiam para pedir ajuda quando necessário | 34.3 | 65.7 |
| 9. Ninguém na comunidade onde vivo se preocupa comigo | 31.1 | 68.9 |
| 10. Permito a mim próprio(a) tornar-me próximo(a) dos meus amigos | 89.2 | 10.8 |
| 11. Raramente obtenho a segurança emocional que preciso através de uma relação romântica ou sexual | 42.0 | 58.0 |
| 12. Sinto que tenho raízes (sentimento de pertença) na comunidade ou vizinhança em que vivo | 46.0 | 54.0 |
| 13. Não tenho muitos amigos no lugar onde vivo | 54.3 | 45.7 |
| 14. Não tenho qualquer vizinho que me ajude em alturas difíceis | 42.3 | 57.7 |
| 15. Recebo muita ajuda e apoio dos amigos | 71.5 | 28.5 |
| 16. Raramente a minha família ouve mesmo o que digo | 42.4 | 57.6 |
| 17. Poucos amigos me entendem da forma como eu quero ser entendido | 64.5 | 35.5 |
| 18. O meu namorado(a) ou marido (mulher) percebe quando estou preocupado(a) e encoraja-me | 57.4 | 42.1 |
| 19. Sinto-me valorizado(a) e respeitado(a) na minha relação romântica ou marital actual | 58.3 | 41.7 |
| 20. Conheço pessoas na minha comunidade que compreendem e partilham os meus pontos de vista e crenças | 54.3 | 45.7 |

Como se trata de respondentes jovens, parte dos casos que responderam com “FALSO” podem apenas ser casos de inquiridos que não têm Namorado ou Namorada, aos quais, conseqüentemente, não se aplica esta questão. A resposta com “FALSO” significa p.ex. que não é verdade que “ O meu namorado(a) ou marido (mulher) percebe quando estou preocupado(a) e encoraja-me” apenas porque não têm namorado(a) ou marido (mulher) para perceber a minha preocupação e não porque o parceiro ou parceira não percebe a preocupação.

De uma maneira os resultados apresentados na tabela 1 mostram:

- Uma boa proximidade e um bom relacionamento dos inquiridos com as suas famílias, como o ilustram as respostas as questões

P1: Sobre a proximidade com os membros da família (89%);

P4: Sobre o bom contacto com os membros da família (74%);

P5: Sobre o bom relacionamento com a família (92%);

P7: Sobre o bom relacionamento com a maioria dos membros mais próximos da família (91%).

Este ambiente familiar caloroso contribui para o desenvolvimento de sentimentos positivos de aceitação e de auto-estima, que têm um efeito positivo na redução da solidão, pois todo o indivíduo tem o desejo de sentir-se aceite e integrado no grupo ou na sociedade (Cheng e Furnham, 2002; Dahl et. al., 2007; Zammuner, 2008).

- Contrariamente ao optimismo manifestado nas respostas as questões 1, 4, 5 e 7, as respostas à questão 16 apontam para um défice no diálogo entre os inquiridos e suas famílias. Cerca de 42% dos inquiridos afirmam que a família não cria um espaço para ouvir as preocupações. Este défice tem um efeito contrário ao exprimido no ponto anterior, podendo contribuir para o desenvolvimento de sentimentos de rejeição, não aprovação dos seus pontos de vista e o conseqüente efeito negativo na auto-estima e na capacidade de inserção no grupo e no desenvolvimento de novas relações (Dahl et. al., 2007).

- As respostas as questões 3, 9, 12, 13, 14, 17 e 20 estão repartidas entre o verdadeiro e o falso com cerca de 50% para cada uma das opções, como se pode ver a seguir:

P3: 49.6% dos inquiridos sentem que não têm muito em comum com a comunidade em que vivem;

P9: 31% sentem que, na comunidade onde vivem, ninguém se preocupa com eles;

P12: Apenas 46% dos inquiridos sentem que têm raízes (sentimentos de pertença) na comunidade ou vizinhança em que vivem;

P13: 54% dos inquiridos afirmam que não têm muitos amigos no lugar onde vivem;

P14: 42% afirmam não ter um vizinho que os ajude nas alturas difíceis;

P20: Apenas 54% dos inquiridos afirmam conhecer pessoas nas suas comunidades, que compreendem e partilham os seus pontos de vista e crenças.

Apesar da divisão mais ou menos equitativa entre o falso e o verdadeiro, parece ser necessário prestar uma certa atenção as questões levantadas. Estas constatações parecem suportar Hughes et. al. (2004) e Muniz (2011), que citam a desintegração das comunidades no mundo moderno e a perda do papel social das mesmas na relação entre os indivíduos, como uma das razões para o desenvolvimento ou agravamento do sentimento de solidão.

- As respostas a afirmação 15:

P15: Recebo muita ajuda e apoio de amigos (72% com Verdadeiro) parece não mostrar estreita concordância com a questão 13

P13: Não tenho muitos amigos no lugar onde vivo (54% com Verdadeiro).

As respostas as questões anteriores, associadas a questão 17

P17: Poucos amigos me entendem da forma como eu quero ser entendido (65% com Verdadeiro)

parecem apontar ainda para o problema da quantidade dos amigos versus qualidade (aqueles amigos com os quais nos entendemos verdadeiramente).

Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante: Resultados por sexo

Na tentativa de perceber se as tendências apontadas são influenciadas pelo sexo dos inquiridos, os dados da tabela 1 foram desagregados por sexo. Como se pode ver no anexo III, os números de inquiridos dos dois sexos apresentam um certo equilíbrio com 47% de respondentes do sexo feminino e 53 do sexo masculino. Os dados resultantes da desagregação por sexo são apresentados nas tabelas 2 e 3 para o sexo feminino e para o sexo masculino respectivamente. O cálculo do somatório das pontuações de cada grupo, feito com base na relação

$$\text{Pontuação} = \sum_{i=1}^n \%_i \times \text{Valor}_i$$

Onde $\%_i$ representa a percentagem de respostas para cada opção de resposta e Valor_i o valor numérico atribuído a cada opção de resposta, onde $n = 2$ (representando as opções verdadeiro ou falso). Neste somatório obteve-se o valor 815.6 para o sexo feminino (dados da tabela 2) e 723.7 para o sexo masculino (dados da tabela 3). De acordo com Swami et. al. (2007), o sexo feminino com a maior pontuação parece indicativo de maior incidência do problema da solidão.

Tabela 2: Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante: Sexo Feminino (Resultados em %)

| | Verdadeiro | Falso |
|---|------------|-------|
| 1. Sinto-me próximo(a) dos membros da minha família | 85.5 | 14.5 |
| 2. Tenho um namorado (a) ou marido (mulher) com quem posso falar sobre os meus problemas e preocupações mais importantes | 45.9 | 54.1 |
| 3. Sinto que realmente não tenho muito em comum com a comunidade em que vivo | 54.8 | 45.2 |
| 4. Tenho pouco contacto com os membros da minha família | 29.7 | 70.3 |
| 5. Não me dou muito bem com a minha família | 6.3 | 93.8 |
| 6. Actualmente, estou envolvido (a) numa relação romântica ou marital, na qual ambos fazemos um esforço genuíno de cooperação | 29.5 | 70.5 |
| 7. Tenho um bom relacionamento com a maioria dos membros da minha família mais próxima | 95.3 | 4.7 |
| 8. Não sinto que possa recorrer aos amigos que me rodeiam para pedir ajuda quando necessário | 41.9 | 58.1 |
| 9. Ninguém na comunidade onde vivo se preocupa comigo | 43.3 | 56.7 |
| 10. Permito a mim próprio(a) tornar-me próximo(a) dos meus amigos | 92.1 | 7.9 |
| 11. Raramente obtenho a segurança emocional que preciso através de uma relação romântica ou sexual | 40.7 | 59.3 |
| 12. Sinto que tenho raízes (sentimento de pertença) na comunidade ou vizinhança em que vivo | 41.9 | 58.1 |
| 13. Não tenho muitos amigos no lugar onde vivo | 66.7 | 33.3 |
| 14. Não tenho qualquer vizinho que me ajude em alturas difíceis | 49.2 | 50.8 |
| 15. Recebo muita ajuda e apoio dos amigos | 68.3 | 31.7 |
| 16. Raramente a minha família ouve mesmo o que digo | 41.3 | 58.7 |
| 17. Poucos amigos me entendem da forma como eu quero ser entendido | 71.4 | 28.6 |
| 18. O meu namorado(a) ou marido (mulher) percebe quando estou preocupado(a) e encoraja-me | 62.7 | 37.3 |
| 19. Sinto-me valorizado(a) e respeitado(a) na minha relação romântica ou marital actual | 59.3 | 40.7 |
| 20. Conheço pessoas na minha comunidade que compreendem e partilham os meus pontos de vista e crenças | 49.2 | 50.8 |

Tabela 3: Escala Diferencial de Solidão para a População Estudante: Sexo Masculino (Resultados em %)

| | Verdadeiro | Falso |
|---|------------|-------|
| 1. Sinto-me próximo(a) dos membros da minha família | 91.3 | 8.7 |
| 2. Tenho um namorado (a) ou marido (mulher) com quem posso falar sobre os meus problemas e preocupações mais importantes | 46.3 | 53.7 |
| 3. Sinto que realmente não tenho muito em comum com a comunidade em que vivo | 46.5 | 53.5 |
| 4. Tenho pouco contacto com os membros da minha família | 22.9 | 77.1 |
| 5. Não me dou muito bem com a minha família | 10.4 | 89.6 |
| 6. Actualmente, estou envolvido (a) numa relação romântica ou marital, na qual ambos fazemos um esforço genuíno de cooperação | 31.9 | 68.1 |
| 7. Tenho um bom relacionamento com a maioria dos membros da minha família mais próxima | 87.1 | 12.9 |
| 8. Não sinto que possa recorrer aos amigos que me rodeiam para pedir ajuda quando necessário | 28.6 | 71.4 |
| 9. Ninguém na comunidade onde vivo se preocupa comigo | 23.2 | 76.8 |
| 10. Permito a mim próprio(a) tornar-me próximo(a) dos meus amigos | 85.7 | 14.3 |
| 11. Raramente obtenho a segurança emocional que preciso através de uma relação romântica ou sexual | 42.4 | 57.6 |
| 12. Sinto que tenho raízes (sentimento de pertença) na comunidade ou vizinhança em que vivo | 49.3 | 50.7 |
| 13. Não tenho muitos amigos no lugar onde vivo | 42.0 | 58.0 |
| 14. Não tenho qualquer vizinho que me ajude em alturas difíceis | 37.1 | 62.9 |
| 15. Recebo muita ajuda e apoio dos amigos | 73.5 | 26.5 |
| 16. Raramente a minha família ouve mesmo o que digo | 45.1 | 54.9 |
| 17. Poucos amigos me entendem da forma como eu quero ser entendido | 60.9 | 39.1 |
| 18. O meu namorado(a) ou marido (mulher) percebe quando estou preocupado(a) e encoraja-me | 52.9 | 47.1 |
| 19. Sinto-me valorizado(a) e respeitado(a) na minha relação romântica ou marital actual | 58.2 | 41.8 |
| 20. Conheço pessoas na minha comunidade que compreendem e partilham os meus pontos de vista e crenças | 59.2 | 40.8 |

1.1. Escala de Solidão da UCLA

Apresentam-se na tabela 4 os resultados globais obtidos com a Escala de Solidão da UCLA. Na apreciação das tendências que se verificam nos dados globais da tabela 4, as 4 opções de resposta foram reagrupadas em dois grupos:

- a) As opções “Algumas Vezes” e “Muitas Vezes” são tratadas como um sinónimo de concordância com a afirmação que surge em cada questão. As respectivas percentagens de respostas são adicionadas e apresentadas como um valor único;
- b) As opções “Nunca” e “Raramente” são tratadas como discordantes com a afirmação e as respectivas percentagens de respostas adicionadas e apresentadas como um valor único, que exprime a discordância.

Neste sentido, a leitura dos resultados permite fazer a seguinte leitura:

- As respostas às afirmações 1, 4, 9, 13, 14, 17 e 18 mostram uma concordância quase absoluta, com percentagens de respostas concordantes acima dos 80%. Trata-se de respostas que reflectem um sentimento optimista dos inquiridos:
 - P1:** 92% afirmam estar em sintonia com as pessoas que estão a sua volta;
 - P4:** 86% sentem que fazem parte de um grupo de amigos;
 - P9:** 92% sentem que há pessoas a quem se sentem chegadas;
 - P13:** 80% afirmam conseguir camaradagem quando querem;
 - P14:** 81% afirmam que há pessoas que lhes compreendem realmente;
 - P15:** 81% negam ser infelizes por ser retraídos
 - P17:** 94% afirmam que há pessoas com quem conseguem falar;
 - P18:** 89% afirmam que há pessoas a quem podem recorrer.

- As respostas às afirmações 1, 4, 9, 13, 14, 17 e 18, que mostram uma concordância quase absoluta, são parcialmente suportadas ou negadas pelas respostas dadas a outras afirmações que fazem parte deste questionário, como se viu com as respostas as afirmações seguintes:

Tabela 4: Escala de Solidão da UCLA: Resultados globais em %

| | Nunca | Raramente | Algumas Vezes | Muitas Vezes |
|--|-------|-----------|---------------|--------------|
| 1. Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão a minha volta | 17 | 63 | 59.1 | 33.0 |
| 2. Sinto falta de camaradagem | 89 | 36.6 | 46.2 | 18.3 |
| 3. Não há ninguém a quem possa recorrer | 22.2 | 42.7 | 31.0 | 4.1 |
| 4. Sinto que faço parte de um grupo de amigos | 1.1 | 13.2 | 28.2 | 57.5 |
| 5. Tenho muito em comum com as pessoas que me rodeiam | 75 | 28.3 | 45.7 | 18.5 |
| 6. Já não sinto mais intimidade com ninguém | 28.7 | 36.8 | 28.7 | 5.8 |
| 7. Os meus interesses e ideias não são partilhados por aqueles que me rodeiam | 12.1 | 33.9 | 44.3 | 9.8 |
| 8. Sou uma pessoa voltada para fora | 21.8 | 29.3 | 33.3 | 15.5 |
| 9. Há pessoas a quem me sinto chegado | 2.3 | 5.8 | 42.2 | 49.7 |
| 10. Sinto-me excluído | 36.8 | 28.2 | 27.6 | 7.5 |
| 11. Ninguém me conhece realmente bem | 5.4 | 27.5 | 29.5 | 37.1 |
| 12. Sinto-me isolado dos outros | 32.1 | 35.7 | 28.0 | 4.2 |
| 13. Consigo encontrar camaradagem quando quero | 1.8 | 18.2 | 45.3 | 34.7 |
| 14. Há pessoas que me compreendem realmente | 2.9 | 15.1 | 45.9 | 35.5 |
| 15. Sou infeliz por ser tão retraído | 58.4 | 22.5 | 14.5 | 4.6 |
| 16. As pessoas estão à minha volta mas não estão comigo | 11.2 | 31.2 | 40.0 | 17.6 |
| 17. Há pessoas com quem consigo falar | 0.6 | 5.7 | 28.6 | 65.1 |
| 18. Há pessoas a quem posso recorrer | 2.3 | 9.1 | 39.8 | 48.9 |

P2: 65% expressam um sentimento preocupante de falta de camaradagem;

P3: 65% negam a afirmação “ Não há ninguém a quem possam recorrer”, percentagem que suporta as respostas dos inquiridos à afirmação 18;

P5: 64% afirmam ter muito em comum com as pessoas que os rodeiam, reafirmando aqui o sentimento de inserção no grupo;

P6: 66% negam não sentir intimidade com ninguém;

P7: 54% defendem que os seus interesses e ideias não são partilhados por aqueles que os rodeiam;

P8: cerca de 50% defendem que são pessoas voltadas para fora;

P10: 65% negam a afirmação “Sinto-me excluído”;

P11: 67% defendem que ninguém os conhece realmente bem;

P12: 68% afirmam não se sentir isolados;

P16: 58% defendem que as pessoas estão a volta delas mas não estão com elas, manifestando um sentimento de uma possível de falta de compreensão da parte das pessoas que as rodeiam.

As respostas afirmativas em **P16** (As pessoas estão à minha volta mas não estão comigo) aqui mostram tendência similar a verificada em **P7** (Os meus interesses e ideias não são partilhados por aqueles que me rodeiam) e **P11** (Ninguém me conhece realmente bem), parecem contudo contrariar os 64% que defendem que têm muito em comum com as pessoas que os rodeiam.

As respostas às afirmações deste segundo grupo de questões rondam normalmente os 40 a 65% de respostas concordantes ou discordantes. Isto mostra que há sempre cerca de 30-40% (um terço dos inquiridos) que responde de forma contrária, número que não pode ser ignorado por ser significativamente elevado.

Parte destas respostas mostra um problema de falta de camaradagem, de falta de identidade ou de comunhão de ideias com os membros do grupo ou rede social com que privam.

Escala de Solidão da UCLA: Resultados por sexo

Apresenta-se nas tabelas 5 e 6 os resultados da desagregação dos dados globais por sexo feminino e masculino respectivamente.

Tabela 5: Escala de Solidão da UCLA: Sexo Feminino (Resultados em %)

| | Nunca | Raramente | Algumas Vezes | Muitas Vezes |
|---|-------|-----------|---------------|--------------|
| 1. Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão a minha volta | 09 | 6.1 | 60.5 | 32.5 |
| 2. Sinto falta de camaradagem | 5.5 | 26.6 | 49.5 | 18.3 |
| 3. Não há ninguém a quem possa recorrer | 21.2 | 41.6 | 31.9 | 5.3 |
| 4. Sinto que faço parte de um grupo de amigos | 09 | 14.2 | 26.5 | 58.4 |
| 5. Tenho muito em comum com as pessoas que me rodeiam | 6.3 | 33.0 | 46.4 | 14.3 |
| 6. Já não sinto mais intimidade com ninguém | 27.9 | 36.0 | 27.9 | 8.1 |
| 7. Os meus interesses e ideias não são partilhados por aqueles que me rodeiam | 10.6 | 31.0 | 49.6 | 8.8 |
| 8. Sou uma pessoa voltada para fora | 23.0 | 29.2 | 31.9 | 15.9 |
| 9. Há pessoas a quem me sinto chegado | 1.8 | 7.2 | 36.0 | 55.0 |
| 10. Sinto-me excluído | 37.5 | 20.5 | 33.9 | 8.0 |
| 11. Ninguém me conhece realmente bem | 4.5 | 34.5 | 30.0 | 30.9 |
| 12. Sinto-me isolado dos outros | 32.7 | 32.7 | 30.0 | 4.5 |
| 13. Consigo encontrar camaradagem quando quero | 1.8 | 20.0 | 42.7 | 35.5 |
| 14. Há pessoas que me compreendem realmente | 2.7 | 16.2 | 40.5 | 40.5 |
| 15. Sou infeliz por ser tão retraído | 58.9 | 22.3 | 12.5 | 6.3 |
| 16. As pessoas estão à minha volta mas não estão comigo | 10.9 | 31.8 | 40.9 | 16.4 |
| 17. Há pessoas com quem consigo falar | 0.9 | 7.1 | 26.5 | 65.5 |
| 18. Há pessoas a quem posso recorrer | 2.6 | 7.9 | 30.7 | 58.8 |

As percentagens de inquiridos do sexo feminino e do sexo masculino neste grupo perfazem cerca de 60% e 40% respectivamente. No grupo dos inquiridos aparecem maioritariamente solteiros (88%). O somatório das pontuações calculado com base na relação

$$\text{Pontuação} = \sum_{i=1}^n \%_i \times \text{Valor}_i$$

Onde $n = 4$, correspondente as 4 opções (Nunca, Raramente, Algumas Vezes e Muitas Vezes), as quais são atribuídos valores numéricos 1, 2, 3 e 4, perfaz os totais 3754.8 para os dados da tabela 5 (sexo feminino) e 3729.9 para os dados da tabela 6 (sexo masculino).

Tabela 6: Escala de Solidão da UCLA: Sexo Masculino (Resultados em %)

| | Nunca | Raramente | Algumas Vezes | Muitas Vezes |
|---|-------|-----------|---------------|--------------|
| 1. Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão a minha volta | 3.4 | 6.8 | 54.2 | 35.6 |
| 2. Sinto falta de camaradagem | 15.8 | 26.3 | 38.6 | 19.3 |
| 3. Não há ninguém a quem possa recorrer | 21.8 | 47.3 | 29.3 | 1.8 |
| 4. Sinto que faço parte de um grupo de amigos | 1.7 | 12.1 | 32.8 | 53.4 |
| 5. Tenho muito em comum com as pessoas que me rodeiam | 8.6 | 20.7 | 43.1 | 27.6 |
| 6. Já não sinto mais intimidade com ninguém | 31.6 | 38.6 | 28.1 | 1.8 |
| 7. Os meus interesses e ideias não são partilhados por aqueles que me rodeiam | 13.8 | 39.7 | 34.5 | 12.1 |

| | | | | |
|---|------|------|------|------|
| 8. Sou uma pessoa voltada para fora | 207 | 259 | 379 | 155 |
| 9. Há pessoas a quem me sinto chegado | 34 | 34 | 52.5 | 407 |
| 10. Sinto-me excluído | 373 | 390 | 169 | 6.8 |
| 11. Ninguém me conhece realmente bem | 74 | 14.8 | 296 | 48.1 |
| 12. Sinto-me isolado dos outros | 32.7 | 40.0 | 23.6 | 3.6 |
| 13. Consigo encontrar camaradagem quando quero | 1.7 | 15.5 | 50.0 | 32.8 |
| 14. Há pessoas que me compreendem realmente | 1.7 | 13.8 | 56.9 | 25.9 |
| 15. Sou infeliz por ser tão retraído | 56.9 | 24.1 | 17.2 | 1.7 |
| 16. As pessoas estão à minha volta mas não estão comigo | 12.3 | 29.8 | 36.8 | 21.1 |
| 17. Há pessoas com quem consigo falar | 0.0 | 3.9 | 33.9 | 62.1 |
| 18. Há pessoas a quem posso recorrer | 1.7 | 11.9 | 55.9 | 30.5 |

Escala de Solidão da UCLA: Resultados por nível acadêmico

Os resultados da desagregação dos dados globais por nível acadêmico são apresentados nas tabelas 7 e 8.

Tabela 7: Escala de Solidão da UCLA: Não Licenciados (Resultados em %)

| | Nunca | Raramente | Algumas Vezes | Muitas Vezes |
|---|-------|-----------|---------------|--------------|
| 1. Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão a minha volta | 3.3 | 5.6 | 60.0 | 31.1 |
| 2. Sinto falta de camaradagem | 8.1 | 26.7 | 43.0 | 22.1 |
| 3. Não há ninguém a quem possa recorrer | 22.1 | 40.7 | 31.4 | 5.8 |
| 4. Sinto que faço parte de um grupo de amigos | 1.1 | 11.2 | 31.5 | 56.2 |
| 5. Tenho muito em comum com as pessoas que me rodeiam | 6.7 | 29.2 | 47.2 | 16.9 |
| 6. Já não sinto mais intimidade com ninguém | 30.2 | 36.0 | 29.1 | 4.7 |
| 7. Os meus interesses e ideias não são partilhados por aqueles que me rodeiam | 9.1 | 34.1 | 43.2 | 13.6 |
| 8. Sou uma pessoa voltada para fora | 25.8 | 31.5 | 25.8 | 16.9 |
| 9. Há pessoas a quem me sinto chegado | 0.0 | 6.7 | 42.7 | 50.6 |
| 10. Sinto-me excluído | 34.8 | 24.7 | 29.2 | 11.2 |
| 11. Ninguém me conhece realmente bem | 4.7 | 32.6 | 26.7 | 36.0 |
| 12. Sinto-me isolado dos outros | 35.2 | 30.7 | 29.5 | 4.5 |
| 13. Consigo encontrar camaradagem quando quero | 2.2 | 20.2 | 46.1 | 31.5 |
| 14. Há pessoas que me compreendem realmente | 2.2 | 18.0 | 40.4 | 39.3 |
| 15. Sou infeliz por ser tão retraído | 59.6 | 25.8 | 11.2 | 3.4 |
| 16. As pessoas estão à minha volta mas não estão comigo | 10.3 | 26.4 | 42.5 | 20.7 |
| 17. Há pessoas com quem consigo falar | 1.1 | 5.6 | 26.7 | 66.7 |
| 18. Há pessoas a quem posso recorrer | 2.2 | 8.9 | 37.8 | 51.1 |

As percentagens de Não-Licenciados e de Licenciados na amostra em estudo perfaz cerca de 50% para cada um dos dois grupos. O somatório das pontuações perfaz o valor 3780.7 para os não Licenciados e o valor 3679.5 para os Licenciados.

Tabela 8: Escala de Solidão da UCLA: Técnicos Superiores (Resultados em %)

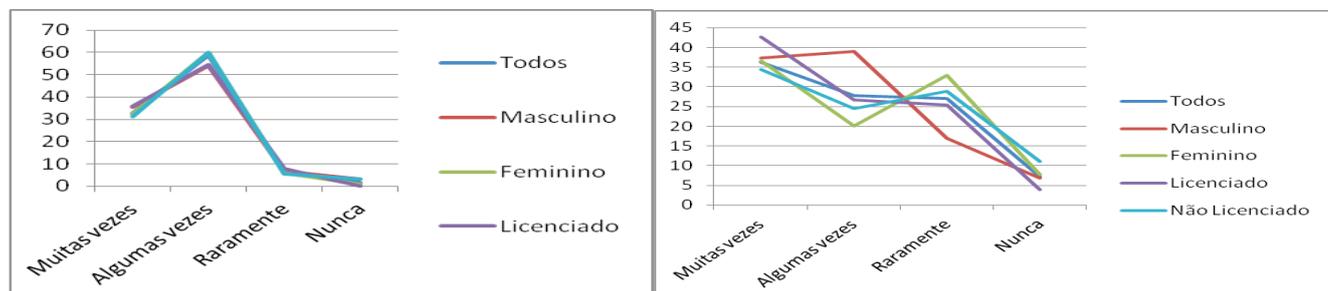
| | Nunca | Raramente | Algumas Vezes | Muitas Vezes |
|--|-------|-----------|---------------|--------------|
| 1. Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão a minha volta | 0.0 | 8.1 | 55.4 | 36.5 |
| 2. Sinto falta de camaradagem | 11.3 | 26.8 | 46.5 | 15.5 |
| 3. Não há ninguém a quem possa recorrer | 23.3 | 45.2 | 28.8 | 2.7 |
| 4. Sinto que faço parte de um grupo de amigos | 1.4 | 16.4 | 24.7 | 57.5 |
| 5. Tenho muito em comum com as pessoas que me rodeiam | 6.9 | 27.8 | 44.4 | 20.8 |

| | | | | |
|---|------|------|------|------|
| 6. Já não sinto mais intimidade com ninguém | 31.1 | 378 | 243 | 6.8 |
| 7. Os meus interesses e ideias não são partilhados por aqueles que me rodeiam | 14.9 | 35.1 | 45.9 | 4.1 |
| 8. Sou uma pessoa voltada para fora | 19.2 | 274 | 384 | 15.1 |
| 9. Há pessoas a quem me sinto chegado | 4.2 | 5.6 | 41.7 | 48.6 |
| 10. Sinto-me excluído | 43.2 | 270 | 25.7 | 4.1 |
| 11. Ninguém me conhece realmente bem | 7.2 | 23.2 | 31.9 | 37.7 |
| 12. Sinto-me isolado dos outros | 29.4 | 39.7 | 26.5 | 4.4 |
| 13. Consigo encontrar camaradagem quando quero | 1.4 | 16.9 | 42.3 | 39.4 |
| 14. Há pessoas que me compreendem realmente | 1.4 | 12.5 | 52.8 | 31.9 |
| 15. Sou infeliz por ser tão retraído | 56.9 | 18.1 | 18.1 | 6.9 |
| 16. As pessoas estão à minha volta mas não estão comigo | 12.5 | 40.3 | 34.7 | 12.5 |
| 17. Há pessoas com quem consigo falar | 0.0 | 5.5 | 31.5 | 63.0 |
| 18. Há pessoas a quem posso recorrer | 2.7 | 8.1 | 39.2 | 50.0 |

Correlação e tratamento estatístico

O estudo da correlação visava apurar se os dados desagregados apresentam ou não uma tendência regular (correlação entre dados globais e desagregados), quando comparados com os dados globais e em relação as diferentes opções de respostas.

Apresenta-se nos anexos V e VI os gráficos que exprimem a eventual correlação entre os dados desagregados. Os gráficos apresentados mostram a ocorrência de casos onde se nota uma correlação quase perfeita.



Até casos onde se nota uma aparente falta de correlação em algumas opções de resposta.

Dado que esta apreciação é puramente qualitativa, ela não permite concluir sobre a existência ou não de diferenças significativas. Para este fim foram comparados os coeficientes das equações que descrevem esta correlação com intervalos de confiança determinados para as condições em que foi realizado o estudo, com base no programa Statgraphics Plus 5.1.

Quando os valores dos coeficientes se situam dentro dos intervalos de confiança determinados, considera-se que há uma correlação entre os dados desagregados e os dados globais e que os resultados não mostram diferenças significativas, dentro do nível de confiança usado, que neste caso foi de 95%. No caso contrário, considera-se que os resultados diferem estatisticamente dos valores globais.

Escala Diferencial de Solidão: Desagregação por sexo

A análise dos dados da Escala Diferencial de Solidão mostra que em todas as perguntas os inquiridos respondem da mesma forma, independentemente do sexo (teste feito com um nível de significância de 99%). Assim sendo conclui-se que existe uma relação estatisticamente significativa a um nível de significância de 99% nas respostas dadas nestas perguntas independentemente do sexo, isto é, as respostas não dependem do sexo dos inquiridos.

Escala de Solidão da UCLA: Desagregação por sexo e nível acadêmico

Os dados da desagregação por sexo e nível acadêmico são apresentados nas tabelas 9 e 10 respectivamente. O comportamento apresentado pode ser classificado em três categorias:

- a) **Respostas com tendência regular e sem diferenças significativas nas respostas** (Perguntas 1, 2, 3, 4, 6, 12, 13, 15 e 17): As respostas a estas perguntas apresentam todas a mesma tendência, independentemente do sexo e do grau acadêmico. Conclui-se que existe uma relação estatisticamente significativa a um nível de significância de 95% nas respostas dadas nestas perguntas independentemente do sexo e do grau acadêmico.
- b) **Respostas com tendência regular mas com diferenças significativas nas respostas** (Perguntas 5, 7, 9, e 14): A apreciação das curvas de regressão mostra alguma falta de regularidade nas respostas do sexo masculino as questões 5, 7, 9, e 14. Não existe para estas questões uma relação estatisticamente significativa nas respostas a um nível de significância de 95% ou seja, as respostas dadas a estas perguntas são influenciadas pelo sexo dos inquiridos.
- c) **Respostas com tendência irregular e diferenças significativas nas respostas** (Perguntas 8, 10, 11, 16 e 18): Nas respostas as questões 8, 10, 11, 16 e 18 nota-se uma irregularidade nas respectivas curvas de regressão e a análise estatística mostra que não existe uma relação estatisticamente significativa na resposta a um nível de significância de 95%. As respostas dadas a estas perguntas dependem do sexo, do grau acadêmico ou, de forma cumulativa, do sexo e do grau acadêmico.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que não se registam diferenças significativas nos resultados da desagregação por nível acadêmico e sexo, com exceção de situações irregulares que surgem nas questões 5, 7, 8, 9, 10, 11, 14 e 18 da Escala de Solidão da UCLA. Trata-se de 8 do total de 18 questões que compõem o inquérito, perfazendo, em termos percentuais, os 44%.

As respostas desejáveis e menos desejáveis deste grupo repartem-se de forma mais ou menos aleatória pelos dois sexos, excluindo assim a possível existência de diferenças significativas que apontam marcadamente para a existência de problemas de solidão com um dos sexos.

Por outro lado, as perguntas que surgem nos três grupos nas alíneas a), b) e c) não permitem a sua catalogação diferenciada excluindo-se assim qualquer tentativa de associação de ocorrência de **a)** tendência regular e sem diferenças significativas; **b)** tendência regular mas com diferenças significativas e **c)** tendência irregular e diferenças significativas com um tipo característico de comportamento ou parâmetro de catalogação que permite distinguir claramente os três grupos.

Tabela 9: Comparação das possíveis diferenças entre dados desagregados por sexo e os dados globais

| Pergunta | Sexo | |
|----------|------------|------------|
| | Masculino | Feminino |
| 1 | Não difere | Não difere |
| 2 | Não difere | Não difere |
| 3 | Não difere | Não difere |
| 4 | Não difere | Não difere |
| 5 | Difere | Não difere |
| 6 | Não difere | Não difere |
| 7 | Difere | Não difere |
| 8 | Difere | Não difere |
| 9 | Difere | Não difere |
| 10 | Difere | Difere |
| 11 | Difere | Difere |

| | | |
|----|------------|------------|
| 12 | Não difere | Não difere |
| 13 | Não difere | Não difere |
| 14 | Difere | Não difere |
| 15 | Não difere | Não difere |
| 16 | Não difere | Não difere |
| 17 | Não difere | Não difere |
| 18 | Difere | Não difere |

Tabela 10: Comparação entre dados desagregados por nível académico e os dados globais

| Pergunta | Nível Académico | |
|----------|-----------------|----------------|
| | Licenciado | Não Licenciado |
| 1 | Não difere | Não difere |
| 2 | Não difere | Não difere |
| 3 | Não difere | Não difere |
| 4 | Não difere | Não difere |
| 5 | Não difere | Não difere |
| 6 | Não difere | Não difere |
| 7 | Não difere | Não difere |
| 8 | Não difere | Difere |
| 9 | Não difere | Não difere |
| 10 | Não difere | Não difere |
| 11 | Não difere | Não difere |
| 12 | Não difere | Não difere |
| 13 | Não difere | Não difere |
| 14 | Não difere | Não difere |
| 15 | Não difere | Não difere |
| 16 | Difere | Não difere |
| 17 | Não difere | Não difere |
| 18 | Não difere | Não difere |

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Na leitura das respostas dadas nos dois questionários, regista-se um número significativo de respostas concordantes (percentagens de respostas concordantes $\geq 80\%$) e reveladoras de uma boa auto-estima e de desenvolvimento de sentimentos positivos de aceitação e de afirmação.

Por outro lado, nota-se também um número maior de questões ($\geq 50\%$ das questões) onde cerca de 30-40% dos inquiridos dão respostas indicativas de alguma situação preocupante e que deve, por isso, ser alvo de alguma monitoria. Mesmo sem representar a maioria, as respostas de 30-40% dos inquiridos não podem ser ignoradas, particularmente se tivermos em conta o problema do subdiagnóstico referido no capítulo 4.1 sobre as Limitações do Estudo.

A desagregação dos resultados por sexo e nível académico não mostra claramente, e de uma maneira geral, que as variáveis sexo e nível influenciam os resultados, muito embora se registre numa ou noutra questão um tipo de respostas que depende destas variáveis.

Tendo em conta que os alunos e estudantes de instituições de ensino privadas têm algumas particularidades que podem dificultar a extrapolação dos resultados para a população estudantil moçambicana, de uma maneira geral, seria de recomendar a continuidade destes estudos com amostras de natureza diferente antes de qualquer tentativa de validação absoluta dos resultados apresentados neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKIN, A. (2010): Self-compassion and loneliness. *International Online Journal of Educational Sciences* **Vol. 2** (Nr° 3), 702-718
- Anónimo (Sem ano): A importância da Internet no desenvolvimento dos adolescentes. http://nautilus.fis.uc.pt/cecteses/sandra/docs/cap2_internet.pdf (Acessado em 04.07.2011)
- BITTENCOURT, A.A.; CASTRO Aerts, D.R.G.; ALVES, G.G.; PALLAZO, L. MONTEIRO, L.; VIEIRA, P.C. e FREDDO. S.L. (2009): Sentimento de discriminação em estudantes: Prevalência e factores associados. *Rev. Saúde Pública* **Vol. 43** (Nr° 2), 236-245. <http://www.scielo.br/pdf/rsp/43n2/92.pdf> (Acessado em 04.07.2011)
- CARDONA, J.; VILLAMIL, M.M.; HENAO, E. e QUINTERO A. (2010): Validacion de esla “ESTE” de soledad en la población adulta. *Invest Educ Enferm* **Vol. 28** (Nr° 3), 416-427
- CERCHIARI, E.A.N.; CAETANO; D. e FACCENDA, O. (2005): Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia* **Vol. 10** (Nr° 3), 413-420
- CHENG, H. e FURNHAM, A. (2002): Personality, peer relations and self-confidence as predictors of hapiness and loneliness. *Journal of Adolescence* **Vol. 25**, 327-339
- COSTA, E.S. e LEAL, I. (2008): Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do Ensino Superior – Avaliar para intervir. *Actas do 7º Congresso de Psicologia da Saúde*, 213-216. Universidade do Porto, Porto – Portugal
- DENIZ, L. (2010): Excessive internet use and loneliness among secondary school students. *Journal of Instructional Psychology*, Março de 2010. <http://www.faqs.org/periodicals/201003/2011820071.html#ixzz1JPO6roTi> (Acessado em 04.07.2011)
- DHAL, A.; BHATIA, S.; SHARMA, V. E GUPTA, P. (2007): Adolescent self-esteem, attachment and loneliness. *Journal Indian Child Adolesc. Ment. Health* **Vol. 3** (Nr° 3), 61-63
- FERNANDES, H. E NETO, F. (2009): Adaptação Portuguesa da Escala de Avaliação Solidão Social e Emocional (SELSA-S). *Psicologia Educação Cultura* **Vol. 13** (Nr° 1), 7-31
- FREITAS, A.; MARTINS, J. e VASCONCELOS, R. (2003): Integração dos aluno(a)s do 1º ano na Universidade do Minho. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación*. **Vol. 10** (Nr° 8), 1373-1382
- HUGHES, M.E.; WAITE, L.J.; HAWKLEY, L.C. e CACIOPPO, J.T. (2004): *Research Aging* **Vol. 26** (Nr° 6), 655-672
- LASGAARD, M. (2007): Reliability and validity of the Danish version of the UCLA Loneliness Scale. *Personality and Individual Differences* **Vol. 42**, 1359-1366
- MATTA, A.; BIZARRO, L. e REPPOLD, C.T. (2009): Crenças irracionais, ajustamento psicológico e satisfação de vida em estudantes universitários. *Psico-USF* **Vol. 14** (Nr° 1), 71-81
- MUNIZ, M. (2011): Jovens sentem mais solidão do que os idosos. <http://www.wallstreetfitness.com.br/fiquepordentro/artigo/1573/jovens-sentem-mais-solidao-do-que-os-idosos> (Acessado em 04.07.2011)
- NETO, F. (1992): Loneliness among portuguese adolescents. *Social Behavior and Personality* **Vol. 20** (Nr° 1), 15-22

- NETO, F. (1989): Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica* **Vol. 2**, 65-79
- NETO, F. e BARROS, J. (2001): Solidão em diferentes níveis etários. *Estud. Interdiscip. Envelhec.*, Porto Alegre, **Vol. 3**, 71-88
- RUSSEL, D.; PEPLAU, L.A. e FERGUSON, M.L. (1978): Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment* **Vol. 42** (Nrº 3), 290-294
- RUSSEL, D.W. (1996): UCLA Loneliness Scale (Version 3): Reliability, Validity and Factor Structure. *Journal of Personality Assessment* **Vol. 66** (Nrº 1), 20-40
- SPRINGER, M.B.; Newmann, A.; Weaver, A.J.; Siritsky, N.; Linderblatt, C.; Flannelly, K.J.; Naditch, B. e VandeCreek, L. (2003): Spirituality, depression and loneliness among Jewish seniors residing in New York City. *The Journal of Pastoral Care & Counseling* **Vol. 57** (Nrº 3), 305-318
- SWAMI, V.; CHAMORRO-Premuzic, T.; SINNIAN, D.; MANIAM, T.; KANNAN, K.; STANISTREET, D. e FURNHAM, A. (2007): General health mediates the relationship between loneliness, life satisfaction and depression – A study with Malasyan medical students. *Soc. Psychiatry Psychiatr Epidemiol* **Vol. 42**, 161-166
- VIEIRA, K.F.L. e COUTINHO, M.P.L. (sem ano): Depressão, comportamento suicida e estudantes de psicologia: Uma análise psicossociológica. http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/Anais_XVENABRAPSO/90%depress%C3020%comportamento%20suicida (Acessado em 04.07.2011)
- ZAMMUNER, V.L. (2008): Italians social and emocional loneliness: The results of five studies. *International Journal of Human and Social Sciences* **Vol. 2** (Nrº 4), 226-238
- ZETTLER, E.W.; NUDELMANN, L.M.; CUNHA, D.P.; HILGERT, C.; MATOS, M.D.; SCHOOL, M.; VILLA VERDE, F. e NADER, T.L. (2005): Prevalência do tabagismo entre estudantes de Medicina e factores de risco associados. *Revista AMRIGS*, Porto Alegre **Vol. 49** (Nrº 1), 16-19

Agradecimentos

Agradecimentos especiais vão para:

- O Professor Doutor Adalberto de Carvalho, do ISFIC-ISCET₁, pela ideia de realização conjunta deste estudo, pelo encorajamento e cedência dos questionários usados neste estudo;
- A Dra Manuela Tembe; Directora da Escola Secundária do ISTE₂, pelo apoio na administração dos inquéritos;
- A Dra Eva Magumane; Direcção Pedagógica do Ensino Superior do ISTE₂, pelo apoio na administração dos inquéritos;
- O Prof. Doutor Carvalho Madivate₃, pela supervisão, pela leitura e revisão do relatório e pelos aconselhamentos durante a condução desta pesquisa.

1 - ISFIC: Instituto Superior de Formação, Investigação e Ciência; ISCET: Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo

2 - Instituto Superior de Tecnologias e Gestão

3 - Academia de Ciências de Moçambique